**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**

**RESUMO DO TEXTO *EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O REFINAMENTO DA EXCLUSÃO SOCIAL***

Seropédica, RJ  
2021

Em seu texto, Batista (2002) aponta que, com o avanço do modelo econômico neoliberal nas décadas finais do século XX, houve uma retomada à teoria do capital humano. Com isso, a educação passou a ser vista como um ascensor social, provendo-a de valor simbólico e, por conseguinte, de valor de troca, configurando o mercado educacional como um investimento lucrativo.

Porém, por mais que a ascensão social possa, de fato, ocorrer para certas parcelas bastante restritas da população, ela não consegue, ainda segundo Batista, *“atender ao conjunto da população face à estrutura social excludente na qual se viabiliza”* (*op. cit.*, p. 4.) Afinal, amparado pela filosofia iluminista, no neoliberalismo, exclui-se os indivíduos ineptos, incapazes de acompanhar a evolução das exigências técnicas.

Assim, sem renda para investir em sua educação, o indivíduo perde o acesso a um trabalho de qualidade e, com isso, fica destituído de uma renda que o possibilite acessar a educação que poderia, supostamente, levá-lo a ter um trabalho de qualidade. E, por meio desse ciclo vicioso, a miséria, a exclusão, e a desigualdade social perpetuam-se geração a geração, tornando-se exponencialmente mais evidentes ao longo do tempo.

Neste contexto neoliberal em cuja educação, a informação e o conhecimento possuem valor de troca — ainda que, quase sempre, estejam desassociados de aspectos materiais que produzam este valor de fato —, a educação a distância surge. Dizer que esse modelo de ensino surgiu só para atender ao capital seria reducionista, mas é inegável a influência, nem sempre positiva, do mercado e do lucro na execução de tal modelo.

Afinal, com o ensino a distância, pode-se acessar comunidades antes inalcançáveis, devido a barreiras físicas, e, consequentemente, ampliar o mercado consumidor. Contudo, é imposto, também, um novo tipo de exclusão no ensino; exclui-se os que não podem pagar. Aí, como aponta Batista (*op. cit.*), *“a elitização combinada com a massificação do ensino”* (p. 6) é no que pode resultar este modelo.

Somado a isso, há uma forte campanha de desmoralização da escola tradicional, um lugar o qual, mais do que mero espaço pedagógico, é, também, um espaço social, de desenvolver convivências. Desmoraliza-se até mesmo o ensino a distância, por cuja lógica mercantil se reduz a um ensino meramente prescritivo, um treino corporativo. Portanto, o que se desmoraliza é, na realidade, toda educação e seu *modus operandi*, lento, dependente de validações, e, portanto, impróprio à velocidade do capital.

O interesse em que instituições públicas tradicionais percam seu prestígio está diretamente ligado às coligações e grandes organizações internacionais que veem, na privatização do ensino, uma oportunidade de lucro. Nas palavras de Batista (*op. cit.*), *“nucleando [...] consórcios, instituições [...] transformam-se em plataformas de investimentos privados”* (p. 10), e, nisso, objetivos universitários perdem relevância frente aos interesses lucrativos de curto prazo do mercado, quase nunca interessados na política ou sociedade de sua área de atuação local.

Viu-se esse problema, por exemplo, com a Universidade Virtual Pública do Brasil, a UNIREDE. Apesar de seu nome indicar o interesse público, na prática, a captação e gestão de recursos financeiros escondia motivos dúbios, posto que, considerando-se autônoma, seria necessário ter autossustento financeiro, algo impossível sem as interferências do mercado. E, de fato, não tardou para que a UNIREDE cobrasse taxas impraticáveis — apesar de repasses milionários do governo — a seu alunado, o que leva a questionar, corretamente, que iniciativas de democratização de ensino são essas.

Em suma, aproveitando-se *“da atrofia e do colapso de instituições de ensino públicas”* (BATISTA, *op. cit.*, p. 14), o Mercado tomou o lugar do Estado, valendo-se da modalidade de ensino a distância para, com alta escalabilidade, promover não a democratização da educação, mas sim um ensino de baixa qualidade, destinado às massas. Com isso, promovem, junto, a exclusão social daqueles que não podem pagar por suas formações técnicas, perpetuando uma desigualdade de renda cada vez maior.

**BIBLIOGRAFIA**

BATISTA, Wagner Braga. Educação a distância e o refinamento da exclusão social. **Conect@ - Revista on-line de Educação a Distância**,[*s. l.*], n. 4, fev. 2002.